

## 22. Um coração vazio e aberto

A Regra de São Bento, está cheia da consciência que se não nos convertemos a ter o sentido das coisas de Deus, não seremos verdadeiros monges, não viveremos com veracidade a nossa vocação. E a consequência disto é que não seremos felizes, que a nossa vocação não nos encherá de alegria, pois não dará sentido à nossa vida. Recordo as perguntas que me fiz no início, pensando ao nosso Ir. David: “Qual sentido a vida monástica dá à vida humana? E que sentido dá a vida humana à vida monástica?”.

Creio que a vocação monástica foi dada por Deus à Igreja, para ajudar a todos, a nós por primeiro, a viver a vida humana com o sentido de Deus, pensando às coisas de Deus, assim como Cristo morto e ressuscitado por nós, torna possível. A vida monástica, deveria ser para nós e para todos, um “lembrete”, que faz pensar ao senso e ao valor que a vida humana tem segundo Deus, e não apenas segundo os homens.

Por isso, o dever principal dos monges é a memória de Cristo morto e ressuscitado, do Cristo pasqual, uma memória que penetre a vida inteira, o tempo e as atividades humanas, todas as dimensões da vida humana. É isto que a Regra de São Bento deseja e pede, é a isto que educa dia após dia, em cada instante e momento da vida. Não somos monges pelo que nos diferencia dos outros ou pelo que temos de “alternativo” à vida de todos, e ainda menos por sermos ou acharmos melhor que os outros, mas pelo que somos chamados a deixar aceso no coração da vida humana, vivida com outros 7,5 bilhões de seres humanos, que neste momento, nesta terra, vivem, respiram, pensam, sentem, amam, desejam, regozijam e sofrem.

Viver no mosteiro comporta, normalmente, escolhas especiais, que a maior parte dos homens e mulheres não são chamados a fazer. Mas são escolhas, com a finalidade de nos dar uma disciplina e liberdade, mesmo através do sacrifício, necessários para poder cultivar com prioridade, o que dá sentido à vida de cada um e permite cada ser humano viver segundo Deus, e não segundo os homens ou o mundo. Tudo em nossa vocação, ou tudo o que respeita o espírito e carisma da Regra de São Bento, é para nos ajudar a deixar acesa, e a reascender ou alimentar de novo, a chama da memória do mistério de Cristo morto e ressuscitado, de Cristo Redentor do homem, que encha a vida humana de senso.

Para ilustrar isto na Regra, seria necessário que o Curso durasse, pelo menos, dez anos... mas acredito ter insistido sempre sobre este tema nos Capítulos, conferências ou cartas anteriores, como continuarei a fazer no futuro, até quando Deus me permitir.

Se lermos a Regra com atenção, vemos que cada capítulo nos pede uma conversão do “pensar segundo os homens” ao “pensar segundo Deus”. Cada aspecto da vida humana, é afrontado por São Bento, à luz do Evangelho, dos Salmos, de toda a Palavra de Deus, e à luz da palavra da Igreja, da tradição patrística e monástica.

Sentimos que diante de tudo, São Bento tem a preocupação de nos ajudar a julgar e degustar a nossa humanidade, na nova maneira revelada por Cristo Redentor, encarnando-se, vivendo, morrendo e ressuscitando por nós. É a primeira realidade a receber uma nova luz, pela vinda de Cristo, pela Páscoa e Ressurreição, somos nós mesmos, o nosso “eu”.

Seria suficiente o capítulo 7 sobre a humildade, para ilustrar a extrema novidade de concepção de si mesmos, que Cristo trouxe ao mundo, a qual a vida monástica deseja nos educar e ajudar a viver. Porque a grande mudança de uma pessoa, como procurei mostrar nos capítulos precedentes, é a concepção de si. Uma concepção de si determinada pelo orgulho, pela vaidade, narcisista ou ávida e carnal, uma concepção de si farisaica, clerical ou carreirista... determina negativamente toda a vida, muito mais que as circunstâncias externas ou o que os outros nos fazem. De fato, a Igreja e em especial as Ordens religiosas, foram arruinadas mais pelos vícios de seus membros que pelas perseguições. Mas o mesmo vale, porém, no sentido positivo: quando se vive, ou pelo menos se deseja uma concepção de si transformada pela graça, pelo Evangelho, pelo encontro com Jesus, a vida toda irradia esta luz, beleza e novidade.

Não há nada mais triste em uma pessoa que abraça uma vocação, como aquela monástica – que por si, deveria estar concentrada no pensar em si mesmo e em tudo segundo Deus e não segundo os homens – vivendo com uma concepção de si, determinada pelos valores mundanos, pelo orgulho, vaidade, etc... Claro, todos somos pecadores, e para renunciar a este *phronein* mundano, necessitamos nos converter durante a vida toda. Mas é triste ver que, muitas vezes, não aceitamos viver nossa vocação, permitindo à luz de Cristo, revelar-nos a nós mesmos, manifestar as nossas sombras, mesquinhez, de nos tornar conscientes, e assim contritos e desejosos de conversão.

Muitas obras de São Bernardo, e de outros padres e madres da vida monástica, são consagradas a este ajudar a tomar consciência, da concepção desordenada que temos de nós mesmos, e assim de nossa vida e vocação, e para nos acompanhar a acolher uma nova luz, verdadeira, que permite à graça de Deus, transformar a nossa vida e as pessoas em nossa volta.

Quando São Paulo escreve aos Filipenses, convidando-os a ter em si “os mesmos sentimentos de Cristo” (Fl 2,5), imediatamente, como dizia, descreve a humilde concepção que Jesus tinha de si mesmo, e como isto determinou a sua vida humana: “Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens” (Fl 2,6-7).

São Bento, deseja nos acompanhar a ter este sentido de nós mesmos e da vida, que é certamente segundo Deus, pois foi o que Deus expressou como todo seu ser, fazendo-se homem e morrendo por nós.

Quem acolher esta luz, sobre o sentido de si e da vida, compreende que o segredo da vida nova, transmitida por Cristo, consiste no “esvaziou-se a si mesmo”, na *kenosi* escolhida e encarnada por Jesus, até a morte de Cruz, para permitir ao Pai, exaltá-lo (cf. Fl 2,9).

O grande paradoxo cristão, é que a vida humana e a identidade de uma pessoa, encontre a realização e a plenitude neste *esvaziamento de si*. O paradoxo cristão, que é o segredo da plenitude do “eu” humano, é um *coração vazio*, que se deixa preencher por Deus. É aquilo que São Bento sugere desde do Prólogo da Regra, quando diz que mais se progride na vida monástica e mais “se corre no caminho dos mandamentos do Senhor com o coração dilatado (*dilatato corde*) pela doçura inexprimível do amor” (RB Pról. 49). Um coração dilatado é um coração vazio, que se deixa preencher por um amor maior que si mesmo, que se deixa preencher pelo amor de Deus, pelo Espírito Santo. E esta é a nova concepção de si, o “eu” novo, redimido, que o encontro com Cristo e o seguimento de Cristo, tornam possível.

Na carta aos Colossenses, São Paulo fala de alguém que, rejeitando a salvação como graça, está “cheio do vão orgulho em seu espírito carnal” (Cl 2,18). Um coração cheio de orgulho não é um coração dilatado. É um coração cheio de si mesmo, de vaidade. E a vaidade é um vazio fechado. É como o ar que enche um balão. Ao invés, um coração dilatado pelo amor é um coração escancarado, completamente aberto para dar espaço ao amor, alegria, encontro com o outro. Não se enche com aquilo que emana de si, mas se preenche do que recebe, acolhe e doa, para se encher ainda mais. O coração humano é um belíssimo símbolo do amor, porque o coração funciona e vive se enchendo e se esvaziando, constantemente. E é este “exercício” constante de encher e esvaziar, de se encher para se esvaziar e de se esvaziar para se encher, que o dilata, que o torna sempre mais capaz de dar vida ao corpo, de fazer *correr*, como diz São Bento, “no caminho dos mandamentos do Senhor” (RB Pról. 49), isto é, no seguimento de Cristo e da sua caridade.

Jesus viveu esvaziando-se de Si mesmo, continuamente, para encher-se de tudo o que o Pai lhe dava, sobretudo para encher-se do amor do Pai, do dom do Espírito Santo. Ter os mesmos sentimentos de Cristo, ter o mesmo *phronein*, o mesmo sentido das coisas de Deus que Jesus tinha, significa, também para nós, cultivar uma liberdade de coração, de tudo o que não é de Deus, para se preencher de tudo o que é Seu, e o que é por excelência “de Deus” é o amor, a caridade, o esvaziar-se de si para amar os outros, a comunhão fraterna. O que pode ser “segundo Deus”, e segundo um Deus que é Pai, se não o amor fraterno?